# (RE) SIGNIFICAR A FORMAÇÃO ACADÊMICA PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

**Área Temática: Trabalho**

Luiz Panhoca (Coordenador da Ação de Extensão)

Luiz Panhoca[1], Denys Dozsa[2], Marlene Schüssler D'Aroz[3]

**Resumo**

O presente artigo apresenta reflexões acerca da formação de acadêmicos de um programa de Extensão Universitária e analisa a influência da relação da Incubadora com seus grupos incubados e os impactos que estes últimos têm sobre os estudantes e a universidade à luz do PORPROEX, de Edgar Morin e Paulo Freire. Trata-se de um estudo de caso que contou com a participação de dezenove bolsistas egressos do programa de extensão ITCP/UFPR a contar da sua implementação em 1999 até o ano de 2013, a partir de um questionário semi-estruturado. Foi utilizado como metodologia de análise a identificação de núcleos de significação baseados em Vygotsky e pautados em (AGUIAR e OZELA, 2006) para alcançar o objetivo desta reflexão: discutir os impactos da relação propiciada pela Universidade e comunidade. A análise e discussão evidenciam formação diferenciada, aspectos positivos nas dimensões pessoais e profissionais; no aprimoramento do conhecimento científico e popular, técnicas e habilidades para lidar com pessoas e realidades sociais; formação e currículo diferenciado. A ITCP/UFPR e a universidade são entendidas como importante veículo de transformação social.

**Palavras-chave**: ITCP, Extensão universitária, formação acadêmica.

## Introdução

O papel formativo da universidade e a extensão universitária interferem expressivamente no "pensar" e no "fazer" da proposta educacional interna da Universidade que envolve os acadêmicos.

[1] Coordenador da ação. Phd em Ciências Sociais. Professor adjunto do curso de Contabilidade. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: panhoca.luiz@gmail.com
2 Engenheiro Ambiental. Mestre. Vice-Coordenador da ITCP/UFPR
[3] Pedagoga. Doutora em educação. Professora Bolsista CNPq. ITCP/UFPR

A "Extensão Universitária é atualmente entendida como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade" (FORPROEX, 2012, p. 05). Neste âmbito, destacam-se a diretriz da indissociabilidade (ensino, pesquisa, extensão) que reafirma a extensão universitária como processo acadêmico. A esse respeito, tal diretriz:

> Coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (FORPROEX, 2012, p. 19).

No intuito de extrair da ação protagonista o seu significado e seu propósito parte-se da premissa que toda a experiência não pode ser explicada a partir de um único prisma: são necessários múltiplos e atentos olhares. Neste caso, olhar pela interdisciplinaridade permite que se tenha uma visão mais sistêmica e complexa do ser humano e da realidade que o envolve. É o olhar interdisciplinar que segundo Morin (2011) e Fazenda (2014) direciona o homem em busca de um saber que transcenda o saber-saber e o saber-fazer, conectado com as dimensões objetivas e subjetivas que o envolvem e o constituem. Partindo desta visão, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares vem trabalhando com uma proposta pedagógica formativa interna e de extensão que se aproxima do modelo de sala de aula invertida ou *flipped classroom*, como é chamado em inglês (BARSEGHIAN, 2011).

**Aprender na sala de aula: aprender na extensão**

A aprendizagem é resultante de um processo interativo entre o que o aprendiz pode fazer individualmente e aquilo que é capaz de atingir em colaboração com outros aprendizes. Dentre os outros aprendizes está o mediador/professor. A aula invertida é uma metodologia ativa que (re) significa o papel do aluno, do professor e da aprendizagem. Esta proposta coloca o aluno no centro do processo ensino aprendizagem, como protagonista e, promove o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa, investigativa e colaborativa. Neste novo formato de ensinar e aprender, os professores envolvidos são mediadores da aprendizagem e não detentores do conhecimento, e a comunidade, uma das beneficiadas.

Esta proposta de aprendizagem prioriza a dialogicidade, propõe ao acadêmico bolsista conhecer, discutir e refletir sobre uma temática correlacionando com o trabalho de campo a partir das demandas da comunidade, e sobre esta, trazer questionamentos e inquietações que serão o ponto de partida para as discussões nos momentos de (de)formação na ITCP. Este momento de aprendizado, de aula diferente, passa a ser dialógico e interativo, invertendo assim a transmissão de conhecimento usada no ensino tradicional, onde o aluno, como um ser passivo recebe a informação que é depositada pelo professor referida por Freire como educação bancária. Com esta proposta a (de)formação na ITCP abre espaços efetivos para uma nova forma de aprender a aprender e em rede interdisciplinar e dialógica suscita debate e argumentação. Assim,

emerge um novo conceito de 'sala de aula', que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem, momento este, segundo Freire (2006, p.32) é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.

Tencionando com o sistema de ensino aplicado pela Universidade, que busca preparar acadêmicos para o mercado de trabalho, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR) busca articular o conhecimento que o acadêmico adquire na sala de aula, acrescidos de novos conhecimentos apresentados nos encontros formativos semanalmente de forma a leva-los à reflexão sobre estes, ao pensamento do contexto e do complexo. O trabalho na ITCP/UFPR é orientado (i) pelo arcabouço teórico e metodológico da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão; (ii) nas bases conceituais primeiras da Economia Solidária (SINGER, SOUZA, 2003),(iii) no Desenvolvimento Local (PREVOST, 2011); (iv) nas Tecnologias Sociais (DAGNINO, 2011). Esta proposta se justifica pela necessidade de se conhecer os impactos que envolvem a formação dos bolsistas que passam pelo programa. Objetiva refletir sobre a proposta da extensão universitária para a formação do aluno. Decorrente dessas argumentações elabora-se a seguinte questão de pesquisa: Quais impactos resultam da formação acadêmica de bolsistas egressos de experiências extensionistas na ITCP/UFPR?

## Metodologia

Este artigo trata de um estudo de caso sobre bolsistas egressos da ITCP/UFPR. A ferramenta utilizada para a coleta de dados foi um questionário semi-estruturado com questões abertas enviadas para 162 egressos via e-mail e facebook totalizando 19 participantes. A análise baseou-se na identificação de núcleos de significação de Aguiar e Ozela (2006). Da análise de dados emergiram três núcleos de significação: *formação diferenciada; formação cultural e possibilidade de novos percursos,* os quais, em interação, respondem aos aspectos relevantes da experiência extensionista na vida pessoal e profissional do aluno. O processo de análise se iniciou intra-núcleo, destacando as singularidades e a essência de cada um. Para a apreensão de sentidos elaborou-se uma articulação entre os núcleos levantados conforme recomendado pelos teóricos.

## Resultados e análise

Os resultados deste estudo resultaram na definição de três núcleos analisado a partir das respostas dos participantes do estudo: *Formação diferenciada; Formação cultural; Novas possibilidades.* Os elementos que integram os relatos irão compor os indicadores finais ou núcleos de significação. O recorte das falas apresentadas respeita as peculiaridades de linguagem dos participantes. Os participantes estão identificados por nomes fictícios.

### Núcleo 1 - Formação diferenciada

A experiência na extensão possibilita criar uma nova maneira de ver as coisas. Ela favorece novas formas de aproximação da realidade social e uma nova leitura das dimensões socioculturais que envolvem os sujeitos no processo. O resultado da interface entre o saber produzido no interior das universidades com o saber popular, ou seja, com a cultura local e desta com a cultura universitária propiciou via extensão uma trajetória para transformação da sociedade, transformando primeiro a si mesmo e em seguida, a sua relação com os outros "fazeres acadêmicos – ensino, pesquisa e extensão". O significado desta ação é percebido no relato a seguir.

*Como experiência na extensão e na ITCP houve um aprimoramento de diversas habilidades como: trabalhar em equipe, organização, oratória, criatividade, além da bagagem de conhecimentos adquiridos. Eu tinha interesse por diversas áreas de conhecimento e a incubadora me despertou interesses mais diversos ainda (Rik).*

O crescimento pessoal e profissional é identificado pelos participantes como um dos impactos positivos. É um inicio de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação e formação das Universidades, em sua relação com a sociedade, deixando de priorizar a formação pela demanda do mercado de trabalho. As novas práticas e conhecimentos iniciam nos momentos formativos na ITCP/UFPR e se estendem nas ações realizadas em campo junto às experiências vivenciadas com a comunidade. O bolsista de extensão se diferencia porque vivencia ainda na graduação uma experiência social. Paulo Freire (1983, p. 26) postula que "a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica".

**Núcleo 2. Formação cultural**

Conhecer diferentes culturas envolve conhecer espaços, crenças, comunidades, o jeito de ser e de viver de pessoas que podem resultar em uma complexidade de conhecimentos e relações duradouras. Estas situações decorrentes da reflexão enquanto individuo e coletivo configuram desafios para convivência grupal e possibilitam reavaliar a proposta formativa da universidade.

Segundo Freire (1983, p. 22), "Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos." Nesse sentido, a troca e interação simultânea de conhecimento, aprendizado e humanização contribui na construção da relação professor-acadêmico-comunidade, comunidade-acadêmico-professor que por meio do diálogo, possibilita ações concretas além de novos conhecimentos, resultando na apropriação de novas metodologias, desde que não somente dentro da universidade, mas também, fora dela.

*Haviam vários ambientes organizados: o geral, o trabalho com grupos, o trabalho com projetos, trabalhos por áreas e outros, mas todos os envolvidos (estudantes, docentes e servidores) de uma forma ou outra se intercalavam, interagiam.*

*Aprendi muito com meus colegas das mais variadas áreas de formação da UFPR e de universidades internacionais. (De).*

A metodologia diferenciada abordada pela ITCP/UFPR é possibilitada por redes de intercâmbio com universidades e comunidades internacionais do Chile, Argentina, Estados Unidos, ampliando as relações e afirmando o conceito de interdisciplinaridade. Entende-se com isso que a interdisciplinaridade não pode ser apenas estudada, e sim exercida (MORIN, 2011).

**Núcleo 3. Novas possibilidades**

Não há educação feita por um indivíduo, descolado do outro. Assim como, não há educação restrita apenas pela via da universidade. Ter consciência do caminho percorrido fica visível ao concluir a graduação, mas para muitos é apenas o começo de uma longa jornada. Quando o acadêmico participa de projetos, com certeza sai da universidade com um currículo diferenciado e, este currículo pode direcioná-lo para novos desafios, um deles, a pós-graduação.

*Foi através do aprendizado na gestão dos vários projetos da ITCP/UFPR, da extensão nas comunidades, da produção de artigos que consegui construir um rico currículo acadêmico e este possibilitou a minha participação no Intercâmbio para a Universidade do Porto-Portugal/ Curso de Economia. E em consequência disso, quando voltei, o meu primeiro emprego foi fruto da ITCP/UFPR. (Sil).*

Os novos desafios que envolvem ensino, pesquisa e extensão desafiam também o papel da ITCP/UFPR e da universidade pública.

*Quando entrei na ITCP/UFPR, ignorava elementos da realidade para que ela pudesse ser interpretada pelas minhas preferências políticas a ideológicas. Hoje, busco investigar tudo da maneira mais sensata e honesta. É preciso saber distinguir o que é real daquilo que você quer que seja (Rik).*

Cada atividade realizada em aula de campo acrescenta conhecimentos, e a experiência adquirida se soma a teoria apreendida em sala de aula. Na Universidade e ITCP o aprendizado é submetido à reflexão teórica e acrescido àquele conhecimento adquirido na comunidade.

*A minha visão de Universidade foi profundamente modificada. Hoje vejo a Instituição não mais como uma formadora acadêmica de teorias, mas também com um papel social muito importante, proporcionado pela extensão universitária. A Universidade deixa de ser meramente expectadora, para agir socialmente. Vejo as cooperativas não como meros laboratórios sociais de observação e de pesquisa-ação, mas alvo do papel social de transformação das realidades locais, desde que respeitemos suas culturas e tradições (Eme).*

Passar pela experiência de um projeto de extensão foi acima de tudo um dos pontos fortes, positivos da formação. Ao fazer extensão estamos ampliando nossos horizontes, estamos produzindo conhecimento que viabiliza a relação

transformadora entre a Universidade, a Sociedade e a comunidade e vice-versa. Partindo de este olhar o bolsista que participa de um projeto de extensão não é mais o mesmo. Tanto a equipe quanto a universidade que vai não serão os mesmos que voltam, a comunidade que vai não será a mesma que volta. A esse respeito refere Freire (1983, p.28), "não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando".

Conhecer os impactos consequentes da experiência de bolsistas egressos em um programa de extensão universitária foi o objetivo deste estudo. Os impactos são constituídos por meio do aprendizado de novos conhecimentos e a incorporação de novas práticas. A experiência no programa proporcionou momentos extremamente importantes para a formação pessoal e profissional do extensionista, consolidando o fazer acadêmico, social e articulador da Universidade. Entretanto, o grande ganho se dá pelas práticas sociais através do próprio fazer extensionista e das vivências com as comunidades atendidas.

(Re) significar a formação se deu pela oportunidade de aprender com a mão na massa, de explorar um problema, e aprender fazendo uma mesma tarefa junto a integrantes dos mais diferentes cursos. Ao (de)formar a sala de aula tradicional, a ITCP constituiu junto as atividades de Extensão Universitária aportes decisivos à formação do estudante. Pela oportunidade da experiência na extensão os nossos agradecimentos.[4]

**Bibliografia**

AGUIAR, V. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. Psicologia, Ciência e Profissão. V. 26. N. 2. Junho. Brasília, 2006.

BARSEGHIAN, T. Three Trends That Define the Future of Teaching and Learning. Disponível em: http://blogs.kqed.org/mindshift/2011/02/three-trends-that-definethe-future-of-teaching-and-learning/>.Acesso em: JUNHO. 2015.

DAGNINO, R. P. Tecnologia Social: base conceitual. Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina. 1(1) 2011. pp.1-1.

FAZENDA, I. C. A. (ORG); GODOY, H. P. (COORD. TÉCN). Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir. Editora CORTEZ, 2014.

FORPROEX. Extensão Universitária: organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. DisponívelAmérica Latina. Buenos Aires: Editorial Miño y Dávila, 2012.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 8ª Edição. Coleção o MUNDO, HOJE, Vol. 24. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 4 Edição. Editora Sulina, 2011.

PREVOST, P. Enjeuxdidactiquesdans la formation des agronomes: cas de la notion de terroir. Natures Sciences Sociétés 19, 50-55 (2011). pp. 50-55.

SINGER, P., SOUZA, A.R. (org.) A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

[4] Agradecemos à PROEC, à FINEP e ao CNPq pelos recursos e auxílio durante andamento dos Projetos.